

OS 4 CONSELHOS

Peça teatral de autoria de Expedycto Lyma

Uma peça em quatro atos maravilhosos e nove personagens baseada em casos antigos

PERSONAGENS

Pedro	Técnica de som ESPECIAL
O Velho	Maquilagem:
Seu Manoel	Montagem:
Lorena	Ensaio geral:
José	Dinigido por: Expedycto Lyma
Abel	
Arlindo	
Julia	
Roberto	

TRABALHARÃO NOS SEGUINTE ATOS

I ato – Pedro, O velho, Arlindo, Joé, Abel.

II ato – Joé, Abel, Arlindo, Pedro.

III ato – Seu Manoel, Lorena, Pedro.

IV ato – Julia, Pedro, Roberto.

NA CENARIZAÇÃO

1º ato – Cenário de lugar sólido, ou uma estrada

2º ato – Uma outra paisagem, imitando uma estrada.

3º ato – Interior de uma casa imitando ser misteriosa cheia de coisas horrendas.

4º ato – Interior de uma casa confortável.

NA MAQUILAGEM

Pedro – Um pouco esfarrapado na idade de uns 35 anos.

Seu Manoel – Um velho mais ou menos de uns 80 anos, meio rústico, com uma bengala.

Lorena – Descabelada, roupa jegue e com uns pesos sob os pés, imitando ser uma moça prisioneira.

O Velho – Como um andarilho, barbudo e sem escrúpulo.

Roberto – Um moço novo de uns 18 anos.

Julia – Uma mulher de uns 35 anos conservada.

Arlindo, Joé, Abel – normal.

1º ATO

PEDRO EM CENA, A SÓS

PEDRO — Huf... Como cansa viajar a pé por essas estradas. E o pior é que estou sem cigarros e sem dinheiro para comprar. Descansarei um pouco aqui e seguirei ao meu destino. [PEDRO SENTA-SE NUMA PEDRA] Hem! Ouço uns passos. [PEDRO OLHA] Hã, sim, é mesmo, aí vem mais um forasteiro, talvez ele me arrume um cigarro, ou uma nota.

O VELHO ENTRA EM CENA

O Velho — Bom dia, amigo.

Pedro — Bom dia.

O Velho — Descansando um pouco?

Pedro — Sim amigo, sente-se. [O VELHO SENTA] Viajei a noite inteira a pé por essas estradas.

O Velho — É engraçado. Você anda a noite e descansa durante o dia.

Pedro — Sim, estou acostumado. Na guerra viajamos só à noite quase.

O Velho — Ah, então você vem vindo da guerra, e que sorte voltar com vida.

Pedro — É, estou com vida mas quase morto de vontade de tirar umas tragadas.

O Velho — Ah, você fuma, bem... eu tenho aqui comigo um pouco de fumo, e umas palhas, se você quiser...

Pedro — A quero sim... Se não for fazer falta eu queria que...

O Velho — Já sei. [O VELHO PROCURA NA BOLSA O FUMO] Aqui está, você pode ficar com tudo. Talvez o seu destino seja muito longe. Eu gosto de servir os bons amigos.

Pedro — Mas, e o senhor?

O Velho — Não se preocupe. Eu levo uma boa quantidade de moedas aqui.

Pedro — O senhor não tem medo de andar com muito dinheiro assim?

O Velho — Não. Por que?

Pedro — É cheio de assaltantes por essas zonas.

O Velho — E quem desconfiaria de um velho como eu?

Pedro — Be... Bem... Isso é, mas...

O Velho — Já sei. Você queria dizer e se você fosse um dos assaltantes.

Pedro — Como adivinhou meus pensamentos?

O Velho — Notei pela sua fisionomia, e notei que você não é um ladrão. Eu já

descansei bastante, tenho que seguir o meu caminho

OS DOIS LEVANTAM

Pedro — Não, vamos conversar mais um pouco, ainda nem sei o seu nome.

O Velho — Sou um andarilho, Pedro. O meu nome não te importa muito.

Pedro — Pedro? O senhor me chamou de Pedro?

O Velho — Sim, queria que eu chamasse por algum apelido?

Pedro — Não, mas como o senhor me conhece?

O Velho — Olhe amigo, não me pergunte mais nada, quer um conselho?

Pedro — Não, obrigado.

O Velho — Levo um bom dinheiro, quer a metade para você?

Pedro — Bem... Dinheiro! ...

O Velho — Que você prefere um bom dinheiro, ou um bom conselho? Diga logo que eu preciso ir.

Pedro — Sabe que eu estou estranhando o senhor.

O Velho — Não se preocupe. Responda o que eu perguntei.

Pedro — Já pensei. Prefiro um bom conselho de um velho amigo.

O Velho — Pois bem, siga pelo caminho mais longo, procure falar pouco e pense muito, ao tomar uma decisão. E agora adeus.

APERTAM-SE AS MÃOS.

Pedro — Adeus, obrigado.

O VELHO SAI DE CENA. A SÓS PEDRO FALA

Pedro — Esses velhos são engraçados mesmo, mas esse é bem estranho. Ele sabe meu nome, e não sei quem ele é! Bem... Eu seguirei seus conselhos, mas... Para eu tomar o caminho mais longo...[POR TRÁS DO CENÁRIO: VENHA JOÉ!... POR AQUI É MAIS PERTO] Aí vem três sujeitos. Talvez eu siga com eles.

ENTRAM EM CENA ABEL JOÉ E ARLINDO

Arlindo — Olá colega, como é que vai?

Pedro — Olá. Bem, estava descansando um pouco. Venham vindo da guerra também?

Arlindo — Sim, para onde você ia?

Pedro — Vou para Iapozinho.

Arlindo — Então vamos conosco, é pra lá que vamos também.

Pedro — Bem, deixem-me pensar um pouco... Eu... tenho que ir por este caminho.

Arlindo — Deixe de bobagem... Por aí é muito longe, vamos por aqui, é muito mais perto, não é mesmo Joé?

Abel — Ah é, lógico, e depois vamos todos juntos conversando.

Joé — Então, somos 3 agora ficaremos em 4 parceiros.

Arlindo — Sabe, Joé, se não me engano tem uma venda ali perto da árvore.

Abel — Ótimo, vamos comer alguma coisa, estou com fome.

Joé — Mas não temos dinheiro.

Arlindo — E daí: Que importa isso?

Abel — O que estamos esperando? Vamos, Pedro.

Pedro — Olhe, eu acho que resolvi não ir por esse atalho, eu vou por este caminho.

Arlindo — Mas é muito mais longe por aí.

Pedro — Eu sei, mas sinto muito... não estou com muita pressa de chegar ao meu destino.

Arlindo — Bom, então nesse caso...vamos nós.

Pedro — Felicidades, amigos. [JOÉ, ARLINDO, ABEL, SAEM DE CENA DESPEDINDO DO PEDRO.PEDRO FALA A SÓS] Esses três não têm boa cara.

É melhor ir só do que mal acompanhado. É como aquele velho amigo me falou. É mais perto por aqui, mas vou tomar o caminho mais longo. Seja o que Deus quiser. [PEDRO PENSA E EXCLAMA] Mas quanto é mais longe seguir este caminho? Aquele velho não sabe nada, acho que vou com os 3 mesmo, pelo atalho. [VAI PRA SAIR MAS PENSATIVO EXCLAMA] Não... Eu não devo ir por este atalho, Meu Deus, o que está acontecendo comigo? Quem será aquele velho?

A VOZ RESPONDE

Voz — Siga o caminho mais longo, ande a sós, do que mal acompanhado, veja muito e fale pouco e pense bem ao tomar uma decisão.

Pedro — Sim, eu devo seguir esses conselhos... e vou seguir mesmo. Que seja tudo o que Deus quiser. Que seja tudo o que Deus quiser.

FIM DO 1º ATO

PANO RÁPIDO

2º ATO

JOÉ, ABEL, ARLINDO EM CENA

Joé — Mas... O que é aquilo?

Abel — Eu que vi, Joé.

Arlindo — Calma amigo, eu já estava vendo.

Joé — Não, mas eu vi primeiro, tenho certeza.

Abel — Não senhor, eu é que vi primeiro.

Arlindo — Olha, querem saber de uma coisa? Nós três vimos numa hora só.

Joé — É mesmo, vamos ver o que é aquilo.

Abel — É estranho parece ser um baú antigo.

Arlindo — Sim, vamos abrir ele.

OS TRÊS TENTAM ABRIR O BAÚ E ABREM MESMO E FICAM ADMIRADOS.

Joé — Olhem, que beleza!

Abel — É um tesouro.

Arlindo — Sim, estamos ricos.

Joé — Veja, são moedas do Império. Isso deve valer uma fortuna.

Abel — É mesmo, um tesouro assim deve valer mais ou menos uns 12 milhões de cruzeiros.

Arlindo — É sim, vamos festejar a vitória, o Joé irá naquela venda e trará alguma coisa para comer e bebidas também.

Joé — Oba, vamos brindar à nossa sorte, de achar um rico tesouro.

E JOÉ SAI DE CENA

Abel — E não vá esquecer daquele vinho bom, Há! há! há! E aquele idiota não quis acompanhar-nos.

Arlindo — Hé! hé! hé! E foi bom não nos acompanhar, senão teríamos que dividir por quatro. Sabe Abel, tenho uma ideia.

Abel — Do que, Arlindo?

Arlindo — É o seguinte: Você disse que vale 12 milhões de cruzeiros esse tesouro, dividindo em três cabem 4 milhões prá cada um.

Abel — Sim, e daí?

Arlindo — E se nós dividíssemos por dois, já pensou?

Abel — É mesmo!... Daí cabia 6 milhões cada um.

Arlindo — É lógico, amigo, você já pensou 6 milhões de cruzeiros para cada um de nós?

Abel — Mas como faremos?

Arlindo — É fácil, esse Joé é muito trouxa, e se nós acabarmos com ele, tenho a máxima certeza, que não fará falta pra humanidade.

Abel [ASSUSTADO] — Mas, Arlindo!

Arlindo — Calma Abel, pense na nossa situação, e não na situação dos outros.

Abel — E mesmo, acabando com Joé, a grana aumenta.

Arlindo — Mas... é claro rapaz.

Abel — E como faremos para...?

Arlindo — É fácil, muito fácil. Você fica escondido naquela moita. Está vendo?

Abel — Sim. Perto daquela árvore!

Arlindo — Exato. Perto daquela árvore. E daí quando Joé estiver aqui, seja certo, igual na guerra.

Abel — Mas será que vai dar certo?

Arlindo — É lógico que dará, dali não dá pra errar nem um mosquito.

Abel — Está bem, pode deixar, minha pontaria é infalível, há! há! há!

Arlindo — E ficaremos só para nós o tesouro, há! há! há! [E ABEL FICA ESCONDIDO SAINDO DE CENA. A SÓS ARLINDO]

Arlindo — Hé! hé! hé! O trouxa do Joé vai para os quintos dos infernos há! há! há! há! há! Ele vem trazer a boia, e o brinde para nós, só espero que Joé não erre o alvo.

6 milhões há! há! há! 6 milhões. Mas espere, aí vem o Joé. Viva a vitória e a sorte, há! há! há!

JOÉ ENTRA EM CENA E...

Joé — Pronto, Arlindo, aqui está a refeição e a bebida para brindarmos a nossa sorte.

Arlindo — Oba... vamos ver que vinho trouxeste [ARLINDO EXAMINA] Ótimo, é este mesmo que nós queríamos, e você teve uma boa ideia de abrir, pois não temos saca-rolhas.

Jóe — Ah sim, eu já mandei abrir o litro, mas espere, onde está o Abel, que não vi ainda? [OUVE SE O ESTAMPIDO DE UM TIRO, E JOÉ CAI DEVAGAR DIZENDO...] Aiii... Ai... Fui atraído. Assassinos, miseráveis! Aiii...

E TOMBA

Arlindo — Há! há! há! O trouxa caiu como um patinho.

NISSO ENTRA EM CENA ABEL

Abel — Que tal a pontaria, hein?

Arlindo — Ótima, foi muito boa Abel.

Abel — Agora é só nosso o tesouro.

ARLINDO SACA O REVÓLVER E DIZ

Arlindo — Engana-se Abel, o tesouro vai ser só meu.

Abel — Canalha! Então já estava com o plano feito.

Arlindo — Há! há! há! Exatamente, há... há!... há!... Já pensou os 12 milhões só para mim, só para mim?

Abel — Vou matá-lo, miserável.

E ABEL ACIONA O GATILHO, MAS NÃO HÁ MUNIÇÃO

Arlindo — Há! há! há! Como é ingênuo, esse Abel, ansioso por querer me matar, mas eu que perei um ponto final nesta situação.

Abel — [APAVORADO] Não, Arlindo! Por favor, não me mate! Pode ficar com o tesouro só para você, mas não me mate! Eu suplico.

Arlindo — Vá suplicar para São Pedro...E ARLINDO DISPARA CONTRA ABEL) há! há! há! ABEL CAMBALEIA NUM GEMIDO DE DOR] Só para mim o tesouro, ninguém mais vai me atrapalhar; Agora eu vou comer o lanche e tomar um vinho, e a comida que era para os dois levarei comigo e na viagem eu comerei. Há! há! há! [ARLINDO COMEÇA A COMER O LANCHE FALANDO SOZINHO E RINDO SEM PARAR] Chegarei em Iapozinho, com 12 milhões de cruzeiros, conquistarei lindas mulheres, tomarei boa champagne há! há! há! E esses crimes ninguém descobrirá, porque na guerra morreu muita gente. Há! há! há! Direi à mãe de Joé que ele morreu nas trincheiras, e Abel como não tem ninguém por ele fica por isso mesmo. [ASSUSTA COM UMA COISA PARECENDO ESTAR SENTINDO-SE MAL, COM A MÃO NO ESTÔMAGO DIZ] Mas... Que está se passando comigo?! Não estou me sentindo bem. [PASSANDO DORES] Ai... Ai meu estômago... Não!... Não aguento mais. Ai... Joé envenenou a comida e o vinho, ele estava com o mesmo plano que o nosso!... Estou pagando o que eu fiz!... Não... Não quero morrer, não quero esse tesouro. Não... Não aguento mais... Hó!...

E CAI MORTO. LUZES DO PALCO, MURTEIRAS. UM PEQUENO SILÊNCIO.

ENTRA EM CENA PEDRO. ASSUSTADO DIZ...

Pedro — Céus!... Satanás por aqui cruz credo, ave Maria [PEDRO SE BENZE, ABAIXA E DIZ] E isto, o que é? [ABRE O BAÚ] Nossa!... Cheio de moedas antigas. Ah, já sei o que aconteceu. É o ouro o culpado, um queria, outro queria, se eu acom-

panhasse os três, eu também ia. Eu bem que podia levar esse tesouro comigo. [PARA E PENSA] Não... Não o levarei! Creio que não me dará sorte. [PENSA MAIS UM POUCO E...] Mas espere... Se ficar aqui outro acha e leva, mais que bobagem. Vou levá-lo... [ABAIXA PARA APANHÁ-LO E PÁRA SUBITAMENTE E APANHANDO SUA TROUXA DIZ] Não... eu não devo levá-lo. Esse tesouro foi a desgraça de três homens, três amigos que por causa do maldito ouro tornaram-se inimigos, um queria, outro queria, e o mais forte disse: é só meu. E no fim, não foi de ninguém!

PANO RÁPIDO

FIM DO 2º ATO

3º ATO

EM CENA SEU MANOEL A SÓS SENTADO EM UMA CADEIRA FUMANDO

Seu Manoel — Lorena, traga-me um café...vamos...

POR TRÁS DO CENÁRIO LORENA RESPONDE:

Lorena — Um momento papai... Já vou.

Seu Manoel [A SÓS] Está muito difícil minha filha arranjar um casamento. Os rapazes não descobrem o nosso segredo.

ENTRA SEM CENA LORENA COM A BANDEJA DE CAFÉ.

Lorena — Pronto, papai, aqui está o café. [LORENA SERVE E SENTA NUMA CADEIRA] Papai, até quando eu vou ficar presa aqui nesta casa? Não acha que isso já é demais?

Seu Manoel — Tenho pena de você, minha filha! Você precisa casar, já tem idade suficiente.

Lorena — Então? É por isso mesmo que quero ser um pouco mais livre.

Seu Manoel — Não... Eu não posso consentir que você case com qualquer tipo. [BATEM NA PORTA] Lorena, já sabe sua obrigação.

Lorena — Sim papai.

LORENA SAI DE CENA

Seu Manoel — Vamos ver quem é esse andante! [GRITANDO UM MOMENTO!]

Espero que esse não seja igual aos que morreram no alçapão. [SEU MANOEL VAI ATENDER E VOLTA COM O PEDRO] A casa é sua, amigo.

Pedro — Eu não esperava tanta bondade seu...

Seu Manoel — Pode me chamar seu Manoel. Queira sentar-se.

PEDRO E SEU MANOEL SENTAM-SE

Pedro — Com licença, então.

Seu Manoel — Não faça cerimônia meu rapaz. Você deve estar com fome, fique à vontade. Vou avisar a Lorena para que prepare alguma coisa.

Pedro — Ótimo, nem sei como agradecer, seu Manoel.

Seu Manoel — Qual nada, deixe disso.

SEU MANOEL LEVANTA E SAI DE CENA

Pedro — [A SÓS ADMIRADO] Mas que casa esquisita! Parece mais um cemitério! Bem, mas não vou pensar nisso agora! O importante é que eu arranjei abrigo para esta noite.

ENTRA EM CENA LORENA COM A MAQUILAGEM FEITA. ELA TEM EM SEUS PÉS ENORMES PESO E FAZ ENORMES SACRIFÍCIOS PARA ANDAR.

Lorena — Forasteiro, eu trouxe um lanche para encostar o estômago, logo mais sairá o jantar.

PEDRO ADMIRA-A MAIS NÃO DIZ NADA SÓ AGRADECE

Pedro — Fico muito agradecido, senhorita.

PEDRO TOMA O LANCHE

Lorena — O senhor com certeza vem chegando da guerra, não?

Pedro — Sim

Lorena — Como foi a batalha?

Pedro — Triste.

Lorena — Morreram muitos amigos seus.

Pedro — Sim. Muitos.

Lorena — Conte-me sobre algumas façanhas, meu senhor.

Pedro — Não tenho muito o que contar senhorita.

Lorena — Escute-me! O senhor me detesta, não?

Pedro — Ó, não!

Lorena — Acho-o muito estranho.

Pedro — Imaginação sua.

Lorena — Vou ver o jantar com licença.

LORENA SAI DE CENA

Pedro — Eu acho tudo estranho isto aqui. Primeiro, eu entro numa casa que parece um cemitério, depois aparece uma moça que parece ser torturada. Afinal de contas eu sou um hóspede, não devo ligar para essas coisas.

SEU MANOEL ENTRA EM CENA

Seu Manoel — Cavalheiro, o jantar está pronto, queira aproximar-se da mesa.

Pedro — Então, com licença, seu Manoel.

PEDRO SAI DE CENA

Seu Manoel [A SÓS] — Esse sujeito parece ser um pouco diferente dos outros. Mas quero ver se ele resistirá até chegar na cozinha. Há! há! há. Se ele resistir a isso, não resistirá passar a noite aqui.

LORENA ENTRA EM CENA SEM OS PESOS

Lorena — Ele já está jantando, papai.

Seu Manoel — Que!?... Ele conseguiu passar por aquele necrotério, sem perguntar?

Lorena — Sim papai, não me perguntou nada. É um homem muito estranho, não acha?

Seu Manoel — Sim, sim, eu também acho. É um homem que não fala muito. Qualquer coisa para ele está bom. Não gosta de fazer perguntas.

Lorena — E a onde ele dormirá papai?

Seu Manoel — Ah sim, ele dormirá aqui mesmo. Você faz a cama dele aqui, minha filha.

Lorena — Está bem, eu farei a cama dele.

Seu Manoel — Escute, Lorena. Você não se simpatiza um pouco com ele.

Lorena — De que adianta, se amanhã ele estará morto?

E COMEÇA A ARRUMAR A CAMA

Seu Manoel — Você acha que ele não resistirá passar a noite aqui?

Lorena — É lógico. Jamais um ser vivo conseguiu dormir nesta sala.

Seu Manoel — Há! há! há! Veremos, veremos.

SEU MANOEL SAI DE CENA

Lorena — Coitado do homem, cansado como está, e ainda vai ver coisas tão horrendas, que não conseguirá dormir. Não sei até quando vai durar esse martírio. A cama está arrumada. Vou chamar o forasteiro.

LORENA SAI DE CENA UNS SEGUNDOS E DEPOIS VOLTA COM PEDRO. COM OS PESOS AGORA

Lorena — A cama está arrumada.

Pedro — Sim, muito obrigada.

Lorena — Desejo-lhe uma boa noite.

Pedro — Muito obrigado.

LORENA SAI DE CENA

Pedro [A SÓS] Puxa, eu nunca esperava que algum dia eu teria que dormir num lugar como este. É preferível dormir pelas estradas do que num lugar como este, mas agora já estou aqui. [E PEDRO COMEÇA A TIRAR AS BOTAS QUANDO AS LUZES SE APAGAM] Hein?! Por que apagou as luzes agora? Eu podia ir ver um lampião mas a estas horas já estão todos dormindo. Não é bom eu andar por esse lugar agora. Vou dormir. [COMEÇA UM BARULHÃO TREMENDO, UMAS VISÕES E

ASSIM POR DIANTE. DEPOIS DE VÁRIOS MINUTOS] Nossa, que terremoto. Quem conseguiria dormir com um barulho desses, e ainda com essas caras horrendas que causam só más impressões. Ficarei deitado mais se dormirei, não sei. [O BARULHO ESTRANHO CONTINUA. DEPOIS DE ALGUNS MINUTOS CESSA TUDO E ACENDEM AS LUZES. PEDRO LEVANTA DA CAMA] Até que enfim, amanheceu. Ouço uns passos. Deve ser a moça.

LORENA ENTRA EM CENA COM OS PESOS

Lorena — Bom dia, forasteiro.

Pedro — Bom dia, moça.

Lorena — Me chame Lorena.

Pedro — Está bem, Lorena.

Lorena — Como passou a noite?

Pedro — Bem, muito bem.

Lorena — O senhor não está mentindo?

Pedro — Estou dizendo a verdade.

Lorena — Quer lavar o rosto?

Pedro — Não, Lorena.

Lorena — Por que?

Pedro — Preciso ir embora.

SEU MANOEL ENTRA EM CENA

Seu Manoel — Então minha filha, como está o forasteiro?

Lorena — Disse que dormiu como uma pedra.

Seu Manoel — Bem, bem, muito bem. É esse o homem que você precisa. Vá para o quarto se ajeitar, Lorena.

Lorena — Está bem

LORENA SAI DE CENA

Seu Manoel — Forasteiro, eu posso saber o seu nome completo?

Pedro — Sim, seu Manoel. Chamo-me Pedro Randi, às suas ordens.

Seu Manoel — Pois bem, seu Pedro, eu achei-o muito interessante. Onde o senhor mora?

Pedro — Em Iapozinho.

Seu Manoel — Um belo lugar. Então o senhor conseguiu passar a noite aqui?

Pedro — Sim, seu Manoel.

Seu Manoel — E dormiu bem?

Seu Manoel — Sim, seu Manoel.

LORENA ENTRA EM CENA MUITO BONITA.

Lorena — Aqui estou, papai.

Seu Manoel — Ótimo, Lorena. O nome do forasteiro é Pedro Randi.

Lorena — Um bonito nome, papai.

Seu Manoel — Senhor Pedro, o que o senhor acha de Lorena, minha filha?

Pedro — É uma moça muito bonita.

Seu Manoel — Pois bem, seu Pedro. O senhor passou por um teste muito difícil que muitos não conseguiram passar. Veja aqui. [DIRIGEM-SE PARA A PORTA. PEDRO OLHA NA PORTA, E VÊ UM ALÇAPÃO] O senhor notou alguma coisa?

Pedro — Sim. Um alçapão.

Seu Manoel — Já que o senhor não me perguntou nada, e nem à Lorena, vou explicar-lhe do que se trata. Queira sentar-se por favor. [SENTAM-SE] Eu e Lorena vivemos aqui há muitos anos, sou dono de todas estas terras, mas já estou muito velho para tomar conta de tudo isto. Lorena está apaixonada por você, e não me incomoda que você seja o novo dono destas terras. Muitos queriam conseguir isso, e sempre se atreviam a fazer perguntas sobre Lorena. Os que perguntaram, caíram neste alçapão. Lá no fundo existem poderosas lâminas que os liquidavam sem piedade. O senhor, como não fez perguntas, mandei travar o alçapão. Lorena, não é sacrificada como parece ser. Tudo isso era o segredo da fazenda. Se o senhor tiver alguma coisa a dizer, diga.

Pedro — Posso perguntar uma coisa?

Seu Manoel — Sim, o que quiseres. Tudo isto será seu.

Pedro — Só isto: os que caíram nesse alçapão, morreram mesmo?

Seu Manoel — Exatamente. Por que?

Pedro — Mas... Mereciam morrer?

Seu Manoel — Mereciam, porque à noite eles procuravam roubar as joias ao invés de dormir, e certos que conseguiam ludibriar, caíam no terrível alçapão. Você não notou que existe um tesouro aqui na sala?

Pedro — Nem percebi isso.

Seu Manoel — Pois bem, meu amigo, não falemos mais nisso. Você conseguiu a vitória, e é isso que importa. Aqui tens de tudo que precisar. Lorena está apaixonada por você, e creio que você também está apaixonado por ela, de modo que não há mais problema, não é mesmo? [PEDRO CONTINUA CALADO]

Que? Não diz nada Pedro? Não acha linda Lorena?

Pedro — Sim, muito simpática.

Seu Manoel — Então, que estamos esperando, você desvendou o segredo, você merece Lorena como sua esposa. Eu consentirei, Pedro.

Pedro — Seu Manoel, Lorena é muito simpática, mas não a amo.

Seu Manoel — O que você disse?

Pedro — É verdade, não a amo e não posso casar com ela.

Seu Manoel — Por que?

Pedro — Porque sou casado há muitos anos.

LORENA CHORA.

Seu Manoel — Que??!!!

Pedro — Acredite seu Manoel.

Seu Manoel — Era só isso que faltava.

Pedro — O senhor permita que eu vá embora.

Seu Manoel — Sim, sim,... Agora já não há mais segredos neste imbecil lugar. Acho que nunca me esquecerei disso.

Pedro [DE SAÍDA] — Eu é que nunca me esquecerei, Adeus, seu Manoel, e obrigado por tudo.

APERTAM AS MÃOS

Seu Manoel — Adeus, meu bom amigo.

PEDRO VOLTA-SE PARA LORENA PARA DESPEDIR-SE

Pedro — Adeus Lorena, desejo-lhe boa sorte e muita felicidade.

APERTAM AS MÃOS.

Lorena — Adeus, Pedro, meu amor.

Pedro — Não sou seu amor, Lorena. Meu coração já tem dona. Adeus.

PEDRO SAI DE CENA, LORENA FICA CHORANDO E SEU MANOEL DE CABEÇA BAIXA.

E TERMINA O ATO.

PANO RÁPIDO

FIM DO 3º ATO

4º ATO

Prólogo — Depois de vários dias de viagem a pé por essas estradas, Pedro chega em Iapozinho. No seu próprio lar encontra uma surpresa.

JULIA EM CENA

Julia — Roberto não demora a vir do serviço hoje. Já fiz uma pratada de bolinhos para esperar ele, agora vou descansar um pouco.

PEDRO ENTRA EM CENA

Pedro — Julia, minha velha.

Julia [ASSUSTADA] — Quem é o senhor!

Pedro — Hó, tens razão, por causa dos trajes, já ouviu falar em Pedro Randi, seu marido?

Julia — Pedro! Meu marido! Faz tantos anos, nem o estava conhecendo.

OS DOIS SE ABRAÇAM

Pedro — Faz muitos anos mesmo. Como é que vão as coisas, minha velha?

Julia — Ah, sim, tudo bem Pedro. E você traz alguma novidade?

Pedro — Ah, que novidade eu poderia trazer? Ah sim, tenho uma história que se passou comigo no meu regresso, querida.

PEDRO SENTA

Julia — Estou ansiosa por ouvi-la.

Pedro — É uma história muito interessante, e difícil de acreditar. Mas, sem dúvida, passou-se comigo.

Julia — Conte-me Pedro.

Pedro — Você não me acreditaria, Julia. É muito impossível.

Julia — Conte-me, estou querendo ouvi-la.

Pedro — Sabe Julia, eu vou tomar um banho, jantar, e depois, nós conversamos, que tal?

Julia — Está ótimo, Pedro.

Pedro — Escute, o banheiro ainda é lá mesmo, não é?

Julia — É sim, aqui não mudou nada, Pedro. Está do mesmo jeito de quando você partiu.

Pedro — Então, até já minha velha.

Julia — Até já. [PEDRO SAI DE CENA] A toalha está dentro do armário, ouviu.

[A SÓS] — Poxa, mas quem diria que algum dia eu tornava a vê-lo! Depois de tantos anos! Faz 3 anos que a guerra terminou, e agora que Pedro apareceu. Nós que julgamos morto todo esse tempo. Será que é o Pedro mesmo? [PENSA UM POUCO] Mas que bobagem; quem poderia ser, é claro que é ele.

NISSO ENTRA EM CENA ROBERTO

Roberto — Olá mamãe, atrasei um pouco hoje.

ROBERTO ABRAÇA JULIA

Julia — O Roberto, eu já estava com cuidado de você.

Roberto — Não precisa se preocupar comigo. Tenho feito algumas horas extras.

NISSO O PEDRO SONDA POR TRÁS

Julia — Eu sei, mas...

PEDRO RETIRA-SE E

ROBERTO — Sabe, eu tenho trabalhado muito, e ...

Julia — Tenho uma surpresa para você.

Roberto — Ah já sei, uma pratada de bolinhos, não é?

Julia — Hó! Não, hoje é bem diferente.

PEDRO ENTRA EM CENA EMPUNHANDO UMA ESPINGARDA, MIRANDO ROBERTO. E A JULIA EXCLAMA! ESSA PARTE E RINDO COM ÓDIO

Pedro — Há! há! há! Eu sabia que em todos esses anos, notaria algo errado, Julia. Passei fome, passei frio por essas estradas, a fim de vencer uma terrível batalha, e agora quando chego encontro isto.

ASSUSTADA JULIA RESPONDE

Julia — O que aconteceu, Pedro, você enlouqueceu?

MAIS FURIOSO PEDRO...

Pedro — Há! há! há! Não enlouqueci não. Agora já não importa mais o que acontecer, e esse canalha vai pagar por essa traição.

E PEDRO VAI PARA DAR O GATILHO. JULIA ATERRORIZADA FALA...

Julia — Espere Pedro...

ROBERTO FICA MUITO PÁLIDO NESSE MOMENTO E DIZ

Roberto — Cuidado mamãe, ele vai disparar mesmo.

PEDRO MUDA DE ASPECTO E JOGA A ESPINGARDA E FALA CALMO.

Pedro — Hem!.. Você disse mamãe?

Roberto — Sim, quem é o senhor?

Pedro — Então, você é meu filho.

Roberto — O que!?

JULIA EXPLICA

Julia — Sim, Roberto! Esse é Pedro, seu pai, que depois de tantos anos voltou ao nosso lar.

Roberto — Meu pai! E eu que o julgava morto. Dê-me um abraço, meu pai.

ABRAÇAM-SE OS DOIS PAI E FILHO.

Pedro — E eu que quase o mata, pensando que fosse um amante de Julia. Perdoe-me Julia, e você também, Roberto.

Julia — Não há o que perdoar, meu velho.

Pedro — Eu ia me esquecendo de um conselho de um velho amigo.

Julia — Um conselho?

Pedro — É... Um homem velho deu-me 4 conselhos, e segui todos eles, e consegui chegar até aqui são e salvo. Se não fosse aquele velho, talvez eu estaria morto naquelas estradas.

Julia — E quem era esse velho?

Pedro — Há... Que bom se eu mesmo conhecesse. É uma história muito interessante, que não daria tempo de contar agora. Serviu-me uns cigarros, e disse-me se eu queria um pouco de dinheiro ou uns conselhos. Preferi uns conselhos e não me arrependi.

Julia — E qual eram os conselhos, Pedro?

Pedro — Eram estes: 1º: Seguir o caminho mais longo, 2º: Antes só do que mal acompanhado, 3º: Veja muito e fale pouco, e o último era esse que eu ia me esquecendo: Pensar muito ao tomar uma decisão.

Roberto — São lindos, papai. Vamos fazer uma festa para comemorar sua vinda. E depois o senhor vai ter que contar a sua bravura, hein?

Julia — É mesmo Roberto. Agora estamos todos juntos novamente, depois de tantos anos.

ATENÇÃO

OS TRÊS FICAM ABRAÇADOS E...

Pedro — Sim...depois de tantos anos.

PANO RÁPIDO

FIM DA PEÇA